

Um Brasil melhor na economia, na política e na sociedade em 2011

(Murilo Aragão)

Mesmo o mais amargo dos críticos deve reconhecer que o Brasil vive um importante ciclo de desenvolvimento econômico, fundamentado em princípios de credibilidade econômica e fiscal, carga tributária alta, complexa e injusta, e expansão do crédito e do mercado interno. O Estado brasileiro, em especial na era Lula, foi protagonista. Mas não o único destaque, como muitos pensam. O setor privado foi importante para alavancar o ciclo de desenvolvimento que estamos vivendo, assim como o sistema financeiro e o Banco Central. Para 2011, temos boas perspectivas na economia e em dois outros vetores relevantes: a política e a sociedade. Não devemos esperar que esses últimos avancem no mesmo ritmo da economia. Continuaremos a ver os índices de aperfeiçoamento dessa pontificando sobre os demais. Porém, não podemos deixar de considerar avanços significativos. No campo da política, apesar dos escândalos, temos avanços que vão influir no desenho político de 2011: a ação do Poder Judiciário sobre os políticos de comportamento inadequado, o maior rigor na aplicação das normas de fidelidade partidária e as regras do projeto Ficha Limpa. Outros dois aspectos merecem nota. No âmbito da Câmara dos Deputados, uma nova interpretação legislativa reduziu a possibilidade de medidas provisórias travarem as pautas de votação. Outra iniciativa, também de Michel Temer, foi a de limitar o contrabando de temas estranhos no corpo das MPs. Ainda politicamente, o entendimento do PT com o PMDB - no segundo mandato de Lula - apontou para um modelo de coalizão mais claro e de corresponsabilidade na gestão pública. Comparando com o modelo anterior de mensalão, no qual a compra de apoio no varejo prevalecia, a situação representa um avanço. Em um país como o Brasil, a existência de coalizões claras é um imperativo para a estabilidade. Ainda que tenha como efeito colateral a diluição das plataformas presidenciais para contemplar a média do pensamento da aliança. Por exemplo, na atual coligação foi estabelecido um processo de conciliação de teses de ambos os partidos para se chegar a um consenso básico. É uma novidade na política. No campo da sociedade, as novidades positivas decorrem tanto do crescimento econômico e da distribuição de renda quanto do avanço de práticas de interação com a sociedade civil. A emergência de uma nova classe C - hoje a maior classe do país - é uma realidade auspiciosa. Não é o fim do processo. Mas é uma etapa importante na construção de uma sociedade mais justa. Nos cálculos do economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Pesquisas Sociais da FGV-Rio, mantida a tendência de crescimento médio da economia no governo Lula, o Brasil cortará à metade o número de pessoas pobres até 2014. Em termos de participação da sociedade, sou testemunha. Participo do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social e lá presencio atores relevantes do capital e do trabalho debatendo o interesse público. Divergindo, como é natural. Mas, sobretudo, construindo consensos. De lá saíram decisões importantes do governo. Vejo avanços no campo da informação. Embora a mídia ainda seja superficial quando abundante e pouco relevante quando impressa, vemos a internet como um processo saudável de ampliação dos horizontes da informação. Combinando tudo, os vetores de avanços são positivos e devem apontar para um país melhor em 2011. Mesmo que ainda convivamos com inconsistências, contradições e iniquidades típicas de um país paradoxal como o nosso.

